

## Um espaço e três sertões: as construções simbólicas do sertão no cinema brasileiro

Ronny Vieira Brayner  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: ronny.brayner@gmail.com

Milene de Cássia Silveira Gusmão  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: milene.gusmao@uesb.edu.br

1710

**Palavras-chave:** Sertão. Memória. Cinema brasileiro

### INTRODUÇÃO

Sylvie Debs (2010), ao refletir sobre os motivos que levaram a temática do sertão ser recorrente no cinema brasileiro, afirmou que: “O sertão, por sua especificidade brasileira e por sua dimensão mítica, oferece, um espaço favorável a uma projeção nacional.” (2010, p.209). Já Durval Muniz de Albuquerque Jr (2011, p.67) definiu o sertão como sendo uma “imagem-força”, mais do que propriamente um recorte territorial preciso. Para o autor, o sertão é uma colagem de várias imagens em que estão engendradas a conjugação de elementos geográficos, linguísticos, culturais, modos de vida, fatos históricos, o cangaço, o latifúndio, o messianismo, as pequenas cidades, as secas, os êxodos, dentre outras características. A conjunção dos elementos citados pelo renomado historiador constitui características que compõem a construção simbólica do sertão, que se deu em diversos meios, dentre eles as artes, com destaque para as produções cinematográficas que vêm abordando a temática há pelo menos setenta anos (Albuquerque JR, 2011, p.67).

Pelas narrativas visuais e sonoras, os cineastas têm capturado e ampliado o imaginário coletivo sobre essa região, transformando suas particularidades em símbolos que se tornaram universais, até pelo sucesso em premiações e festivais internacionais que os filmes brasileiros alcançaram. A força dessas representações cinematográficas reside na capacidade de evocar uma rica variedade de elementos que, juntos, constroem uma compreensão multifacetada do sertão. Esta abordagem não só enriquece a narrativa fílmica, mas também oferece uma reflexão profunda sobre a identidade cultural brasileira

**Realização:**



**Apoio:**



e de uma certa memória coletiva associada ao sertão. Assim, o estudo da construção simbólica e memorialística do sertão a partir do cinema brasileiro permite uma análise crítica sobre os modos como o sertão tem sido percebido e reinterpretado ao longo do tempo. A trajetória do sertão no cinema é, portanto, uma janela para compreender as transformações sociais, culturais e políticas do Brasil, bem como a persistência e renovação de seus mitos fundadores.

Ao analisar filmes de diferentes épocas, podemos observar como a imagem do sertão se adaptou às novas problemáticas sociais e contextos, mantendo-se, no entanto, como um elemento central da cinematografia nacional. Neste contexto, propomos as análises dos filmes “O Cangaceiro” (1953, Lima Barreto), “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964, Glauber Rocha) e “Baile perfumado” (1997, de Lírio Ferreira e Paulo Caldas), filmes que retratam a mesma década, anos 1920 e 1930, trazendo o sertão sob a ótica do cangaço, ao mesmo tempo que realçam outros debates simbólicos acerca da nação brasileira, identidade nacional, mazelas sociais, dicotomia entre norte/sul, dentre outras questões.

Com base nos filmes escolhidos, este trabalho propõe realizar uma análise das narrativas e das técnicas cinematográficas (roteiro, direção, montagem, fotografia, cenário, atuação, etc.) que possibilitaram essa construção múltipla e rica do sertão no cinema brasileiro. Pela discussão das semelhanças e disparidades presentes nas obras, ensejamos ter uma maior compreensão das múltiplas expressões que o sertão simbólico veio a se formar pelo cinema brasileiro.

## METODOLOGIA

Pela análise dos filmes propostos, buscamos compreender a formação multifacetada do sertão pelo cinema e as construções simbólicas que transformaram à região em um dos espaços cinematográficos mais importantes da sétima arte brasileira. Propomos identificar partir da observação das obras as suas semelhanças, disparidades, importância histórica para obras subsequentes e os debates sociais presentes em cada uma. A compreensão da riqueza de sentidos relacionados ao sertão no cinema, é uma das pontes para entendermos a reminiscência da temática no cinema do país, assim como a influência que as obras cinematográficas exerceram para a formação de uma série de elementos que vieram a compor um imaginário social relacionado ao sertão.

**Realização:**



**Apoio:**



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ambientadas no mesmo recorte temporal, os anos 1920 e 1930, os três filmes retratam de forma bem diferente o sertão, a sua paisagem e os seus personagens clássicos, como o cangaceiro, o vaqueiro e as famílias sertanejas, e o debate em torno da nação tendo o sertão como um símbolo.

Em “O Cangaceiro” (1953), temos um filme que traz a encenação do universo sertanejo seguindo os moldes do que era produzido em Hollywood para os filmes de “Western”, neste aspecto, temos a espetacularização da violência e um sertão como espaço de aventuras.

1712



Imagem 1: os personagens Galdino e Teodoro encenam o clássico mocinho x bandido.  
Fonte: Frame de *O cangaceiro* (1953, de Lima Barreto).

No clássico “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964), Glauber Rocha sob as características do Cinema Novo, apresenta um sertão que emula em seu território os problemas da nação, sendo a região um símbolo do Brasil e das suas “feridas” não estancadas, como a miséria, o abandono estatal e a exploração trabalhista. O filme apresenta um sertão duro, um povo sofrido a procura de formas de subsistência, sendo seduzidos por promessas do campo da violência, pelo cangaço, e da religião, através do messianismo.



Imagem 2: o drama do filme é contado através do casal de camponeses Manoel e Rosa.  
Fonte: frame de *Deus e o diabo na terra do sol* (1964, de Glauber Rocha).

Realização:



Apoio:



Na obra “Baile perfumado” (1997), os autores buscaram trazer uma atualização simbólica ao universo cinematográfico sertanejo. No filme, vemos a metáfora messiânica o “sertão virou mar” tomar vida por cenas que apresentam uma infinidade aquífera na região, até então, representada principalmente pela seca e falta de água. No filme, o sertão não é mais um espaço isolado.



Imagem 3: O sertão vira “mar” em Baile perfumado.  
Fonte: frame de Baile perfumado (1996, de Paulo Caldas e Lúrio Ferreira).

1713

A fusão entre o sertão e o mar representa uma nova perspectiva, onde as fronteiras geográficas se dissipam e dão lugar a uma metáfora da transformação e da evolução. Os personagens, tão característicos do sertão nordestino, ganham novas camadas de complexidade e profundidade nesse cenário “inusitado” no cinema brasileiro para o sertão.

## CONCLUSÕES

A análise desses três filmes revela, portanto, a evolução da representação do sertão no cinema brasileiro. Enquanto "O Cangaceiro" de Lima Barreto se inspira no faroeste americano para criar um sertão de aventuras e espetáculos, "Deus e o Diabo na Terra do Sol" de Glauber Rocha usa o sertão como um microcosmo das problemáticas nacionais, enfatizando a crítica social e política. Por sua vez, "Baile perfumado" ressignifica o sertão ao quebrar fronteiras geográficas e simbólicas, apresentando um cenário de transformação e renovação. Essas obras mostram como o sertão continua sendo uma fonte rica de narrativas e simbolismos, adaptando-se às mudanças sociais e culturais do Brasil, enquanto mantém sua essência e importância no imaginário nacional. Mediante a observação desses filmes, podemos entender melhor as diferentes facetas do sertão e suas múltiplas interpretações ao longo das décadas, reafirmando sua relevância na construção de uma percepção acerca da identidade cultural brasileira partindo do universo sertanejo, tendo o cinema como uma das expressões que formaram e popularizaram uma memória social em relação à temática.

**Realização:**



**Apoio:**



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife/São Paulo: Massangana/Cortez, 2011.

DEBS, Sylvie. **Cinema e literatura no Brasil- Os mitos do sertão: emergência de uma identidade nacional**. Belo Horizonte: C/ Arte, 2010.

**BAILE PERFUMADO**. Direção: Paulo Caldas e Lírio Ferreira. Produzido: Raccord Produções Artísticas. Recife, 1996. 1 DVD (93 min.), son., color/PB. 35 mm.

**DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL**. Direção e roteiro: Glauber Rocha. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 1964. 1 filme (125 min) – Mídia Digital.

**O CANGACEIRO**. Direção e roteiro: Lima Barreto. São Paulo: Companhia Cinematográfica Vera Cruz S.A., 1953. 1 filme (95 min) – Mídia Digital.

1714

Realização:



Apoio:

